



O FEMINISMO E AS MULHERES CRISTÃS CONSERVADORAS: A HISTÓRIA TORNANDO POSSÍVEL O DIÁLOGO¹

Feminism and conservative Christian women: the history making possible the dialogue

Vanessa Meira²

RESUMO

Esse artigo fará uma reflexão sobre a influência do cristianismo nos movimentos de emancipação feminina que culminaram na Primeira Onda do Feminismo dos séculos XIX e XX. É possível observar um histórico padrão de oportunidades para a participação e liderança femininas em diversos movimentos cristãos igualitários. No entanto, movimentos cristãos igualitários são frequentemente negligenciados em pesquisas e publicações sobre as origens dos movimentos dos direitos das mulheres. Tal negligência é injustificável. Neste artigo, através de pesquisa bibliográfica histórica, será destacado o papel do cristianismo nos movimentos que levaram ao surgimento do feminismo nos EUA. O artigo revelará que lançar luz sobre as raízes religiosas dos movimentos femininos pode inspirar mulheres religiosas que não nutrem simpatia pelo feminismo contemporâneo por causa do

¹ Artigo recebido em 01 de julho de 2017, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 11 de agosto de 2017, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*

² Vanessa Meira é pedagoga e doutoranda em Teologia, Mestra em Teologia pela Faculdades EST (São Leopoldo-RS), na área de Religião e Educação, além de ser integrante do grupo de pesquisa em Currículo, identidade religiosa e práxis educativa. É bolsista da CAPES. E-mail: vanessarmeira@gmail.com.

anticlericalismo e das fortes críticas e acusações lançadas contra o cristianismo por setores do movimento.

Palavras-chave: Feminismo. Quakerismo. Conservadorismo. Sufragismo.

ABSTRACT

This article will reflect on the influence of Christianity on women's emancipation movements that composed the First Wave of Feminism of the nineteenth and twentieth centuries. A pattern of opportunities for women's participation and leadership is founded in many egalitarian Christian movements. However, egalitarian Christian movements are often overlooked in academic research and popular publications on the origins of the movement of women's rights. Such negligence is unjustifiable. In this article, through historical literature review, will be highlighted the Christian heritage of feminism in the United States. The article reveals that shed light on the religious roots of feminism can inspire religious women who don't have sympathy for contemporary feminism because of anticlericalism and strong criticism against Christianity by sectors of the movement.

Keywords: *Feminism. Quakerism. Conservatism. Suffragism.*

INTRODUÇÃO

As “teologias da igualdade original da mulher com o homem, restaurada em Cristo”³ têm existido ao longo da história cristã. Essas perspectivas se desenvolveram dentro do cristianismo paralelamente e em oposição às antropologias patriarcais. Os *Quakers* foram representantes notáveis dos diversos grupos cristãos que sustentaram teologicamente a igualdade original de homens e mulheres na criação e sua restauração em Cristo⁴.

Ao analisarem-se os movimentos cristãos igualitários, é possível observar um padrão de oportunidades para a participação e liderança femininas⁵. No entanto, movimentos cristãos igualitários, como os *Quakers*, são frequentemente negligenciados em pesquisas e publicações sobre as origens dos movimentos dos direitos das mulheres⁶. Tal negligência é injustificável, e se apoia em uma

³ RUETHER, Rosemary R. **Sexismo e religião:** rumo a uma teologia feminista. São Leopoldo: Sinodal, 1993, p. 88.

⁴ RUETHER, 1993, p. 90.

⁵ ZIKMUND, Barbara Brown. The Feminist thrust of sectarian Christianity. In: RUETHER, Rosemary R.; MCLAUGHLIN, Eleanor (eds.). **Women of Spirit:** female leadership in the jewish and christian traditions. New York: Simon and Scuster, 1979, p. 221.

⁶ ZIKMUND, 1979, p. 217.

generalização das principais correntes do cristianismo (quando se afirma que “a igreja oprimiu mulheres” ou que “o cristianismo oprimiu mulheres”, de que igreja e de que cristianismo está se falando?).

Apesar de haver autores se esforçando para desfazer tais equívocos, fazendo distinção entre o “protestantismo da corrente principal” e o “protestantismo sectário”, e vendo nesse último uma tradição mais consistente de empoderar mulheres⁷, há ainda uma tendência feminista de representar o cristianismo como um bloco monolítico historicamente opressor, o que tem gerado um sentimento antifeminista nas mulheres cristãs teologicamente conservadoras⁸.

Em entrevista, a feminista (e crítica do atual feminismo majoritário) Camille Paglia afirmou que queria um feminismo que incluísse “mulheres conservadoras, mulheres que frequentam igrejas, mulheres que praticam *home-schooling*, e outras; bem como mulheres como eu, que são a favor do total direito ao aborto”⁹. Será possível?

Esse artigo tem como objetivo demonstrar, através de uma pesquisa histórica e bibliográfica, que a presença cristã nos movimentos em benefício das mulheres e em suas raízes não foi marginal, e que essa herança precisa ser resgatada. Não se pode recapitular a história da consciência ocidental omitindo trechos tão relevantes e positivos. Tal resgate pode proporcionar um ponto de contato e diálogo entre o feminismo e o conservadorismo cristão.

1 O REVISIONISMO HISTÓRICO E A DESCONSTRUÇÃO FEMINISTA DA RELIGIÃO

À medida que os estudos feministas se desenvolveram a partir da década de 1970, a religião (especialmente a cristã) passou a ser retratada negativamente, como um obstáculo para o feminismo. Uma tendência se desenvolveu na historiografia feminista: a religião está ausente ou é tratada negativamente, como

⁷ RUETHER; MCLAUGHLIN, 1979.

⁸ Neste artigo, o adjetivo “conservador” sempre será uma referência ao conservadorismo teológico, em oposição ao liberalismo teológico.

⁹ Disponível em: <<http://blackchristiannews.com/2017/03/listen-liberal-feminist-camille-paglia-wants-feminism-to-embrace-conservative-church-going-homeschooling-women-says-movement-has-been-hurt-by-being-associated-only-with-democratic-party/>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

um impedimento patriarcal à libertação feminina¹⁰.

Os pressupostos secularistas do feminismo derivados da herança socialista ou marxista do feminismo ajudam a entender por que a religião é acusada de cegar as mulheres à sua opressão ou de ensinar-lhes a liberdade como uma utopia após a morte¹¹. Ou seja, o feminismo passou a fazer com o cristianismo o que o próprio feminismo reclama sofrer hoje: uma “sistemática depreciação e deslegitimação”¹².

O cristianismo tem sido frequentemente mal representado por setores do movimento feminista. E tal representação usa como instrumento o revisionismo histórico, que exalta os erros históricos dos cristãos e simplesmente omite seus acertos, ou transfere os créditos de tais acertos a alguma outra ideologia. As narrativas feministas atualmente têm creditado generosas partes do surgimento e do sucesso histórico dos movimentos femininos ao espiritualismo¹³, ao marxismo¹⁴, ao nativismo indígena¹⁵, ao anarquismo¹⁶, ao liberalismo¹⁷, dentre outras correntes de pensamento, mas tem dado insuficiente destaque ao cristianismo ou retratado a herança cristã unilateralmente como uma das estruturas opressoras que precisam

¹⁰ BRAUDE, Ann. A religious feminist - who can find her? Historiographical challenges from the National Organization for Women. In: **The Journal of Religion**. Chicago, vol. 84, n. 4, October/2004, p. 555-572; LLEWELLYN, Dawn; TRZEBIATOWSKA, Marta. Secular and religious feminisms: A future of disconnection? In: **Feminist Theology**. United Kingdom, vol. 21, n. 3, May/2013, p. 244-258.

¹¹ BRAIDOTTI, Rosi. In spite of the times: The postsecular turn in feminism. **Theory, Culture & Society**, vol. 25, 2008, p. 1-24.

¹² SCHMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 14, n. 3, (p. 765-799), setembro-dezembro/2006, p. 272.

¹³ BRAUDE, Ann. **Radical Spirits: Spiritualism and Women's Rights in Nineteenth-century America**. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

¹⁴ MOJAB, Shahrzad. **Marxism and Feminism**. London: ZedBooks, 2015; SAYERS, Janet; EVANS, Mary, REDCLIFT, Nanneke (Eds.). **Engels Revisited: New Feminist Essays**. New York: Tavistock, 2009.

¹⁵ WAGNER, Sally Roesch. **Sisters in Spirit: The Iroquois Influence on Early American Feminists**. Summertown: Native Voices, 2001; SUZACK, Cheryl; HUHNDORF, Shari M.; PERREAULT, Jeanne (Eds.). **Indigenous Women and Feminism: Politics, Activism, Culture**. Vancouver: UBC Press, 2010.

¹⁶ GEMIE, Sharif. Anarchism and Feminism: a historical survey. In: **Women's History Review**. United Kingdom, vol. 5, n. 3, 1996, p. 417-444. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09612029600200123>>. Acesso em: 23 jul. 2016.

¹⁷ BAEHR, Amy R. (Ed.). **Varieties of Feminist Liberalism**. Oxford: Rowman & Littlefield, 2004.

ser reformadas.

Trechos relevantes da história das mulheres (como o movimento de temperança do século XIX), organizações femininas extremamente influentes (como a *Woman's Christian Temperance Union*), instituições pioneiras (como o *Oberlin College*) e personagens fascinantes têm sido subvalorizados pela historiografia feminista apenas por causa de sua ligação com o cristianismo. Fran Grace, por exemplo, denuncia o viés antirreligioso da historiografia feminista ao afirmar que o feminismo ignora Carry Nation, uma notável defensora dos direitos das mulheres, apenas por ela ter sido muito religiosa¹⁸.

A maioria das mulheres da *Woman's Christian Temperance Union* foi ignorada ou estereotipada pelos estudiosos do século XX como religiosas fanáticas e conservadoras. Nos levantamentos históricos feministas, elas geralmente são ofuscadas pelas sufragistas e outras mulheres consideradas mais radicais. Somente nos últimos anos, alguns historiadores feministas começaram a reexaminar as contribuições que mulheres como Frances Willard¹⁹ e a *Woman's Christian Temperance Union* fizeram ao movimento sufragista e ao próprio feminismo.

Logo cedo, a desconstrução da religião se tornou um dos principais objetivos de importantes setores do feminismo. Tal desconstrução se manifesta em diferentes formas, sendo uma delas a crítica ao cristianismo. A sufragista pioneira, Elizabeth Cady Stanton, já tecia duras críticas ao cristianismo no século XIX, no texto *Has Christianity Benefited Woman?*:

Todas as religiões, portanto, tem ensinado a liderança e a superioridade do homem, a inferioridade e a subordinação da mulher. Qualquer que seja a nova dignidade, a honra, e o auto-respeito, que a mudança de teologias pode ter trazido para o homem, eles têm trazido igualmente para todas as mulheres, mas uma outra forma de humilhação. A história mostra que a condição da mulher mudou com diferentes formas de civilização, e que ela gozou em alguns períodos de maior honra e dignidade e mais direitos pessoais e de propriedade do que lhe foi concedido na era cristã.²⁰

¹⁸ GRACE, Fran. **Carry A. Nation**: Retelling the Life. Bloomington: Indiana University Press, 2001, p. 1.

¹⁹ Uma pioneira no movimento de *temperance* do séc. XIX, também é lembrada por suas contribuições para a educação de mulheres e o movimento sufragista. Ela foi a primeira mulher a ser homenageada com uma estátua no Salão Nacional das Estátuas do Capitólio. Uma cristã metodista profundamente religiosa, Willard chegou a trabalhar na equipe do evangelista Dwight L. Moody por quase um ano (1877).

²⁰ Disponível em:

http://womenwriters.digitalscholarship.emory.edu/content.php?level=div&id=stanton_

A pioneira sufragista Matilda Joslyn Gage, como Elizabeth Stanton, também era uma feroz crítica do cristianismo, o que a colocava em desacordo com sufragistas cristãs mais conservadoras, como Frances Willard e a *Woman's Christian Temperance Union*. Ela publicou *Woman, Church and State*, em 1893, expondo como, em sua opinião, o cristianismo era um dos principais responsáveis pela opressão feminina²¹.

Enquanto o feminismo parecia encorajar a descristianização, as teorias secularistas não se confirmaram, e a religião se revitalizou²². Um dos efeitos dessa crítica feminista às religiões foi o abandono de qualquer fé religiosa por mulheres, ou, no mínimo, a criação de espaços alternativos de espiritualidade. Por outro lado, houve também a criação de um sentimento antifeminista em mulheres religiosas que não se viram representadas por esses setores do movimento. Assim, a suposição de que o secularismo seria a posição feminista ideal e superior está sendo questionada, pois muitas mulheres encontram apoio na religião para seu processo emancipatório, e também porque essa suposição secularista rotula e marginaliza as mulheres religiosas²³.

O fato é que, após o insucesso das previsões secularistas, houve um forte retorno feminista à espiritualidade, inclusive à cristã, com um viés revisionista e alternativo, como as espiritualidades holísticas (Wicca, por exemplo)²⁴.

O setor revisionista do feminismo cristão pode ser bem representado pela teóloga feminista Mary Hunt, que defende que feministas lutem contra o machismo de dentro das estruturas religiosas que o sustentam²⁵. Ou seja, em vez de abandonarem as igrejas, as feministas deveriam ficar e mudar as estruturas de

christianity_001&document=stanton_christianity>. Acesso em: 14 jul. 2016.

²¹ Disponível em: <<http://www.sacred-texts.com/wmn/wcs/index.htm>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

²² BERGER, Peter. **The desecularization of the world: essays on the resurgence of religion in world politics**. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

²³ REILLY, Niamh. Rethinking the interplay of feminism and secularism in a neo-secular age. In: **Feminist Review**. London, vol. 97, n. 1, Mar./2011, p. 5-31.

²⁴ SOINTU, Eeva; WOODHEAD, Linda. Spirituality, gender and expressive selfhood. **Journal for the Scientific Study of Religion**, vol. 47, 2008, p. 259.

²⁵ HUNT, Mary. **Religião e feminismo combinam?** Publicado em: 06 dez. 2016. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/sociedade/religiao-e-feminismo-combinam>. Acesso em: 16 fev. 2017.

dentro para fora, num processo conhecido como feminização da religião²⁶.

Algumas pesquisadoras do feminismo atual estão defendendo o completo abandono do judaísmo e do cristianismo, enquanto outras tentam salvar tais religiões de sua tradição sexista através de uma reforma revisionista²⁷. Setores do feminismo contemporâneo anunciam o fim de Deus (o Deus judaico-cristão), ou pelo menos o fim de um mundo tão influenciado por Cristo e por Javé²⁸.

Naomi Goldenberg, por exemplo, é uma das autoras que acreditam na eliminação da tradição judaico-cristã e defendem uma “espiritualidade da Deusa”. Ela afirmou que “nós mulheres vamos dar um fim a Deus”²⁹, que “havia uma magnificência ligada à ideia de vê-lo [Deus] ir”, e que tinha voltado com alegria à pós-graduação “para estudar o final de Deus”³⁰. Mary Daly é outra importante pensadora feminista que rejeita totalmente a tradição judaico-cristã³¹. E, em uma entrevista, Gloria Steinem afirmou que a religião é o maior problema do feminismo hoje³².

No entanto, nem a *feminização* do cristianismo e muito menos a eliminação da tradição judaico-cristã parecem ser opções atrativas às mulheres cristãs conservadoras, que se sentem alijadas desse movimento e têm criado um crescente sentimento antifeminista. Por isso, uma alternativa conciliadora é se destacar mais claramente o *background* religioso dos movimentos em favor das mulheres e reivindicar a legitimidade de sua importância histórica. Mulheres religiosas precisam saber que houve muita influência do cristianismo no início dos movimentos pelos direitos das mulheres. A participação de cristãos nos movimentos em benefício das mulheres não deve ser superestimada, mas também

²⁶ HUNT, Mary. Psychological Implications of Women’s Spiritual Health. In: COLE, Ellen; OCHSHORN, Judith (eds.). **Women’s Spirituality, Women’s Lives**. Binghamton: Harrington Park Press, 1995, p. 21-32; (tradução livre do neologismo inglês *feminization*, usado em publicações feministas).

²⁷ GOLDENBERG, Naomi R. **Changing of the gods: feminism and the end of traditional religions**. Boston: Beacon Press, 1979, p. 10.

²⁸ GOLDENBERG, 1979, p. 10.

²⁹ ALCOFF, Linda; CAPUTO, John D. **Feminism, Sexuality, and the Return of Religion**. Bloomington: Indiana University Press, 2011, p. 59.

³⁰ GOLDENBERG, 1979, p. 3.

³¹ RUETHER, 1993, p. 38.

³² Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2014/02/11/gloria-steinem-makers-conference-jennifer-aniston_n_4764866.html>. Acesso em: 27 jun. 2016.

não deve ser descrita como ações limitadas e circunstanciais.

2 OS ANTECEDENTES RELIGIOSOS DO FEMINISMO

Em suas críticas ao feminismo contemporâneo, Camille Paglia afirma que há importantes elementos na história do feminismo que geralmente são combatidos ou deixados de fora da “narrativa feminista padrão”. Segundo ela, isso pode ser percebido na frequente crítica à cultura ocidental, ao sistema capitalista e à religião. Paglia afirma que a história feminista tem insuficientemente reconhecido o nível de influência que a religião exerceu sobre as feministas da Primeira Onda nos EUA³³.

Como diz Salisbury:

Ao longo de toda a era cristã houve homens e mulheres que viram na sexualidade e o relacionamento entre os dois sexos em termos diferenciados das concepções patrísticas, que acabaram por predominar no pensamento ocidental. Essas ideias também fazem parte de nossa história intelectual.³⁴

Para Ruether, a visão inicial igualitária e contracultural é a verdadeira face do cristianismo, perceptível nas mulheres místicas, nas comunidades religiosas femininas, nos movimentos igualitários na Reforma, nos quais as mulheres tinham o direito de pregar e ensinar publicamente e agirem como líderes da igreja³⁵.

A partir do século XVII, muitas mulheres foram beneficiadas com as iniciativas educacionais de mulheres cristãs como Joana de Lestonnac³⁶ (fundadora da Companhia de Maria, a primeira ordem religiosa feminina dedicada à educação de meninas, na França), Maria Ignacia de Azlor³⁷ (no México), Clemencia de

³³ PAGLIA, Camille. *Feminism Past and Present: Ideology, Action, and Reform*. In: **Arion: A Journal of the Humanities and the Classics**. Boston, vol. 16, n. 1, 2008. p. 6. Disponível em: <<http://www.bu.edu/arion/files/2010/03/Feminism-Paglia1.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

³⁴ SALISBURY, Joyce E. **Pais da Igreja, Virgens Independentes**. São Paulo: Página Aberta, 1995, p. 196.

³⁵ RUETHER, 1993, p. 35-36.

³⁶ SMITH, Bonnie G. **The Oxford Encyclopedia of Women in World History**. Vol. 1. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 465-466.

³⁷ CARROLL, Berenice A. (Ed.). **Liberating Women's History: Theoretical and Critical**

Caycedo y Vélez³⁸ (na Colômbia), e os diversos colégios e conventos que recebiam jovens para serem educadas na América.

Ainda no século XVII, grupos puritanos radicais acreditavam que homens e mulheres podiam ser igualmente usados pelo Espírito como pregadores da Palavra, independentemente de classe social, nível cultural ou autorização institucional. Mulheres pregadoras batistas são mencionadas em um documento de 1641³⁹.

A abertura para que mulheres pregassem e até exercessem o ministério já encontra precedentes na Inglaterra do século XVII entre grupos batistas, congregacionais e *Quakers*⁴⁰. Há, de fato, uma bem documentada tradição de mulheres pregadoras entre batistas e *Quakers* no século XVII, e nos movimentos *Holiness* e pentecostais dos séculos XIX e XX⁴¹.

Mulheres metodistas já pregavam publicamente no final do século XVIII. Os séculos XVIII e XIX viram florescer comunidades cristãs utópicas que pregavam uma sociologia messiânica igualitária contracultural. A expressão máxima dessas comunidades utópicas talvez tenha sido os *Shakers*⁴².

Como é possível perceber, a partir do século XVII, o papel da mulher na sociedade americana foi se alterando gradualmente. Vários fatores contribuíram para essas alterações, fatores nomeadamente religiosos⁴³. Até Simone de Beauvoir, por exemplo, reconhece que o quakerismo e seu ativismo social inspirou e “deu o tom a todo o feminismo norte-americano”⁴⁴.

Essays. Chicago: University of Illinois Press, 1976, p. 262.

³⁸ REY, Diana Crucelly González. La Educación de las Mujeres en Colombia a Finales del Siglo XIX: Santander y el Proyecto Educativo de la Regeneración **Revista Historia de la Educación Latinoamericana**. Vol. 17, n. 24, enero – junio/2015, p. 243 – 258. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rhel/v17n24/v17n24a12.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

³⁹ IRWIN, Joyce L. **Womanhood in Radical Protestantism, 1525-1675**. New York: The Edwin Mellen, 1979, p. 212-214.

⁴⁰ BRAITHWAITE, William Charles. **The Beginnings of Quakerism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1955, p. 12, 44, 157-158.

⁴¹ RUETHER, 1993, p. 164.

⁴² RUETHER, 1993, p. 37.

⁴³ NUNES, Rosa Maria Magalhães. **Anne Hutchinson - Uma Pregadora e Defensora da Liberdade Religiosa em New England**. Dissertação (mestrado). Lisboa: Universidade Aberta, 2009, p. 86.

⁴⁴ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Vol 1. São Paulo: Difusão

Antes das principais publicações e discurso em favor das mulheres, Judith Sargent Murray (1751-1820), de família cristã congregacional, e depois cristã universalista, publicou *On the Equality of the Sexes* em 1790 (a igualdade a que ela se referia era a igualdade intelectual)⁴⁵. Hannah Mather Crocker, filha de um pastor Congregacionista, que exibia uma forte fé cristã, publicou *Observations on the Real Rights of Women, with Their Appropriate Duties, Reminiscences and Traditions of Boston, Agreeable to Scripture, Reason and Common Sense* em 1818⁴⁶.

Sarah Moore Grimké (1792–1873) e Angelina Emily Grimké (1805–1879), as irmãs Grimké, estão entre as primeiras mulheres americanas a defenderem a abolição da escravidão e os direitos das mulheres. O igualitarismo *Quaker* foi um fator motivador essencial. O livro de Sarah, *Letters on the Equality of the Sexes and the Condition of Woman* (1838), foi a primeira argumentação pública de grande alcance em favor dos direitos das mulheres⁴⁷.

3 O IGUALITARISMO CRISTÃO DOS *QUAKERS*

Zikmund mostra a relação entre o desenvolvimento do feminismo e o crescimento do cristianismo sectário nos EUA do século XIX. E os *Quakers*⁴⁸, mais que qualquer outro grupo, deram oportunidade às mulheres exercerem liderança⁴⁹. Apesar de ter havido relativa igualdade entre gêneros em grupos Protestantes

Europeia do Livro, 1970, p. 162.

⁴⁵ Resumo biográfico disponível em: <<http://www.jsmsociety.com/Biography.html>>. Acesso em: 23 maio 2016.

⁴⁶ Resumo biográfico disponível em: <<http://hmcociety.wix.com/hmcs>>. Acesso em: 23 maio 2016.

⁴⁷ BIRNEY, Catherine H. **The Grimke Sisters Sarah and Angelina Grimke**: The First American Women Advocates of Abolition and Women's Rights. New York: Boston, Lee and Shepard, 1885. Disponível em: <<https://archive.org/details/grimksisterssara00birn>> Acesso em: 17 jun. 2016.

⁴⁸ Os *Quakers* (ou *Sociedade dos Amigos*) são um movimento religioso de tradição protestante fundado pelo inglês George Fox em 1652. Destacaram-se como pacifistas, abolicionistas e igualitaristas de gênero. Lideraram e se envolveram em movimentos contra o tráfico de escravos e a escravidão, pela reforma das prisões, pela abolição da pena de morte e contra as guerras entre nações.

⁴⁹ ZIKMUND, 1979, p. 217.

Radicais, os *Quakers* foram os que desenvolveram tal crença com mais clareza e convicção⁵⁰.

Não foi por coincidência que as mulheres *Quakers* assumiram a liderança dos mais importantes movimentos de reforma social do século XIX⁵¹. A força da herança *Quaker* já pode ser vista no estado de Nova Jersey, onde as mulheres solteiras votavam desde 1776, enquanto os outros estados proibiam a emancipação feminina ou se calaram sobre o tema⁵².

Para os *Quakers*, a dominação masculina era uma manifestação do pecado. A igualdade entre homens e mulheres foi restaurada em Cristo, que ordenou que homens e mulheres fossem anunciadores proféticos do evangelho⁵³.

Os *Quakers* sistematizaram teologicamente as propostas igualitárias, em boa medida graças aos esforços de Margaret Fell, esposa de George Fox. Ela, suas filhas e Fox defendiam a igualdade de homens e mulheres como uma verdade bíblica, sustentada na criação e na doutrina da imagem de Deus⁵⁴.

Por causa do conceito de Luz Interior (fruto da atuação direta do Espírito Santo no interior de cada pessoa, indistintamente), os *Quakers* não admitiriam distinções sociais humanas (livre – escravo, sacerdote – leigo, homem – mulher), pois todos são iguais perante Deus⁵⁵. As mulheres pregadoras desempenharam um importante papel ao servirem de modelo para discursos públicos femininos. Elas abriram caminho para que mulheres pudessem discursar em espaços públicos e diante de auditórios diversos⁵⁶.

A educação que ofereciam às suas meninas e mulheres era um destaque. Desde o início, George Fox se esforçou por providenciar escolas para as meninas *Quakers*, criando algumas escolas exclusivamente femininas. Eles insistiam que

⁵⁰ IRWIN, 1919, p. 161-162.

⁵¹ WAYNE, Tiffany K. **Women's Roles in Nineteenth-century America**. Westport: Greenwood Press, 2007, p. 59.

⁵² COPPENS, Linda Miles. **What American Women Did: 1789-1920**. Jefferson: McFarland & Company, 2007, p. 7.

⁵³ RUETHER, Rosemary Radford. **Women and Redemption: A Theological History**. Minneapolis: Fortress Press, 2012, p. 5.

⁵⁴ Um dos textos mais importantes é *Women's Speaking Justified, Proved, and Allowed of by the Scriptures*. Disponível em: <<http://www.qhpress.org/texts/fell.html>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

⁵⁵ ZIKMUND, 1979, p. 217.

⁵⁶ WAYNE, 2007, p. 59.

meninos e meninas deveriam aprender a ler a Bíblia⁵⁷.

Os *Quakers* traduziram sua teologia da igualdade de gênero original e restaurada em uma participação das mulheres no trabalho missionário, pregando e liderando reuniões. Mas, inicialmente, eles não se lançaram em um ativismo público pela igualdade das mulheres na sociedade em geral porque sua visão sectária inicial os levava a ver o mundo não-*Quaker* como um mundo caído do qual eles deveriam manter distância.

Mas no século XIX essa postura sectária foi contestada por várias feministas abolicionistas de tradição *Quaker*, particularmente por Sarah e Angelina Grimké e Lucretia Mott, que uniram a teologia *Quaker* com o pensamento democrático americano. Estas mulheres são as matriarcas do feminismo norte-americano. Elas inauguraram a luta pelos direitos civis das mulheres na sociedade norte-americana que iria ser levada a efeito por mulheres *Quakers* mais jovens, como Susan B. Anthony⁵⁸.

O quakerismo proporcionou um ambiente onde mulheres podiam ser ouvidas em pé de igualdade com os homens⁵⁹. Nas reuniões *Quakers*, qualquer pessoa, homem ou mulher, pode ser movida pelo Espírito a falar⁶⁰. E, no século XIX, as mulheres *Quakers* se tornaram cada vez mais visíveis, e desempenharam papel fundamental no surgimento da Primeira Onda do feminismo⁶¹.

Como destaca Ruether:

Subjacente a este ministério ativo das mulheres *Quakers* como pregadoras, missionárias, escritoras e líderes de reuniões de mulheres estava uma teologia *Quaker* da igualdade espiritual dos homens e mulheres na criação, uma igualdade que foi restaurada por meio da redenção em Cristo⁶².

⁵⁷ IRWIN, 1979, p. 129-130.

⁵⁸ RUETHER, 2012, p. 5.

⁵⁹ Para uma exposição mais detalhada do papel da mulher na história do quakerismo, ver HUBER, Elaine C. A woman must not speak: Quaker Women in the English Left Wing. In: RUETHER; MCLAUGHLIN, 1979, p. 153-182. Huber demonstra que as mulheres *Quakers* não apenas tinham liberdade para pregar e ensinar a religião publicamente, mas também lideravam em atividades seculares e gerenciavam recursos financeiros. Para uma exposição mais detalhada de outros aspectos do estilo de vida *Quaker*, ver LOUKES, Harold. **The Quaker contribution**. Naperville: SCM Press, 1965, p. 90-124.

⁶⁰ WAYNE, 2007, p. 53.

⁶¹ ZIKMUND, 1979, p. 217.

⁶² RUETHER, 2012, p. 112.

4 AS RAÍZES RELIGIOSAS DAS ABOLICIONISTAS E SUFRAGISTAS

A história registra que o movimento dos direitos das mulheres surgiu, em parte, da luta abolicionista da década de 1840, e foi composto em grande medida por mulheres de tradição *Quaker*⁶³. Foi o movimento abolicionista que deu às mulheres americanas a primeira chance de se organizarem para a ação política, como a luta pelo direito feminino de voto (sufragistas). Ali elas aprenderam a criar campanhas de contestação, a fazer reuniões públicas e falar em público. O movimento abolicionista e o de emancipação da mulher se apoiavam mutuamente, e é preciso destacar que a primeira geração de feministas foi composta essencialmente por abolicionistas cristãs.

Entre os negros, houve vários cristãos abolicionistas e ativistas dos direitos femininos. Harriet Ross Tubman (c. 1820-1913) ex-escrava, abolicionista, era uma cristã devota⁶⁴. Frederick Douglas, um pregador licenciado pela *African Methodist Episcopal Zion Church*⁶⁵, foi um dos homens participantes da histórica *Convenção de Seneca Falls*. Mulheres importantes da luta feminina, como Sojourner Truth e Harriet Tubman, também frequentavam essa igreja metodista⁶⁶.

Susan Brown Anthony (1820-1906), um dos nomes mais importantes da Primeira Onda do feminismo, era de tradição *Quaker*. Foi presa por votar em 1872, quando não era permitido, e em 1890 organizou em Washington a primeira convenção para o voto feminino. Sua atuação foi tão destacada que a emenda permitindo o voto feminino nos EUA recebeu seu nome (Emenda Anthony)⁶⁷.

A firmeza de Susan Anthony foi produto de sua estrita educação *Quaker*⁶⁸. Os valores religiosos de Anthony têm sido subestimados ou tratados como um

⁶³ RUETHER, 2012, p. 122.

⁶⁴ RAPPAPORT, Helen. **Encyclopedia of Women Social Reformers**, Vol. 1. Santa Barbara: ABC Clío, 2001, p. 718.

⁶⁵ Disponível em: <http://www.pbs.org/thisfarbyfaith/people/frederick_douglass.html>. Acesso em: 17 jun. 2016.

⁶⁶ LEE, Maurice S. **The Cambridge Companion to Frederick Douglass**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 63.

⁶⁷ MCHENRY, Robert (ed.). **Famous American Women: A Biographical Dictionary from Colonial Times to the Present**. Springfield: G&C Merriam Company, 1980, p. 10-11.

⁶⁸ WAYNE, Tiffany K. **Women's Rights in the United States: A Comprehensive Encyclopedia of Issues, Events and People**. Santa Barbara: ABC Clío, 2015, p. 131.

mero detalhe em estudos biográficos (alguns chegam a retratá-la como ateísta), mas é preciso destacar que ela manteve seus princípios *Quakers*⁶⁹. Susan Anthony não compartilhava da visão crítica que outras sufragistas, como Elizabeth Cady Stanton e Matilda Joselyn Gage, tinham a respeito da religião⁷⁰.

Muitas mulheres sufragistas faziam parte do grupo cristão protestante *Woman's Christian Temperance Union*, a primeira grande agremiação de mulheres a promover esforços organizados em prol de reformas sociais nos EUA⁷¹, fundado em 1874. O movimento de temperança da década de 1870 foi chamado de *Cruzada das Mulheres* ou *Guerra Santa das mulheres*. As mulheres se reuniam em grupos do lado de fora dos *saloons*, e ali elas oravam, cantavam hinos e obstruíam a entrada. Muitos *saloons* tiveram que fechar ou se mudar⁷².

A *Woman's Christian Temperance Union* foi a maior e mais influente associação de mulheres que existira até então. Para uma comparação, a associação sufragista *National American Woman Suffrage Association* tinha apenas treze mil membros em 1893, enquanto a *Woman's Christian Temperance Union* contava com quase dois milhões⁷³. A organização do grupo e a mobilização de mulheres em torno de causas sociais contribuíram para o maior envolvimento feminino na política.

A luta sufragista, motivada por ideais e paradigmas religiosos, portanto,

⁶⁹ JAMES, Edward T.; JAMES, Janet Wilson; BOYER, Paul S.; COLLEGE, Radcliffe (eds.). **Notable American Women, 1607-1950: A Biographical Dictionary**. Cambridge: Belknap Press, 1971, p. 51-53.

⁷⁰ GOLDENBERG, 1979, p. 11. Para Goldenberg, Elizabeth Stanton queria revolucionar, acreditava na eliminação do judaísmo e do cristianismo ao publicar *The Woman's Bible* (1895). Lucy Stone e Elizabeth Stanton representam dois setores do feminismo contemporâneo crítico da religião, respectivamente: os que querem reformar as tradições religiosas, preservando o que não é sexista, e os que querem a total ruptura das tradições religiosas (p. 10-13). Susan B. Anthony estava mais preocupada com a questão do voto feminino, e não se dedicou a combater o conservadorismo teológico, uma perspectiva que Matilda Joselyn Gage achava equivocada.

⁷¹ Outros grupos cristãos mobilizaram mulheres para o ativismo social. Um grupo importante foi a *New York Female Moral Reform Society*, estabelecida em 1834, com Lydia Finney (esposa do evangelista Charles Grandison Finney) atuando como presidente. A preocupação desse grupo era manter as mulheres fora da prostituição.

⁷² PAGLIA, 2008, p. 6.

⁷³ MASSON, Erin M. The Women 's Christian Temperance Union 1874-1898: Combating Domestic Violence. **William & Mary Journal of Women and the Law**. Vol 3, 1997, p. 163, nota 2. Disponível em: <<http://scholarship.law.wm.edu/wmjowl/vol3/iss1/7>>. Acesso em: 21 Jun. 2016.

não pode ser automaticamente definida como um movimento revolucionário ou classista. Na verdade, o conservadorismo da maioria das líderes sufragistas é percebido em sua simpatia pelo movimento de temperança, que tinha como um dos principais objetivos proibir o consumo de bebidas alcoólicas nos EUA, o que finalmente levou à Lei Seca⁷⁴.

Segundo Ruether, a Primeira Onda se manifestou na *Convenção de Seneca Falls* em 1848⁷⁵, considerado um evento fundante do feminismo. Essa primeira convenção pelos direitos das mulheres nos EUA ocorreu numa *Igreja Metodista Wesleyana*, o que é uma demonstração simbólica do vínculo entre a Primeira Onda e o cristianismo. Foram dois dias de discussão, e, no final, mulheres e homens assinam uma *Declaração de Sentimentos*, com reivindicações e um plano de ação para o movimento pelos direitos das mulheres. O documento contém doze resoluções pedindo igualdade de tratamento para homens e mulheres perante a lei e o direito de voto para as mulheres⁷⁶. Pelo menos um quarto das assinaturas da *Declaração de Sentimentos* era de mulheres *Quakers*⁷⁷.

O documento de *Seneca Falls* é pleno de referências religiosas à criação divina. Ele termina com uma resolução que incentiva homens e mulheres a se esforçarem para “derrubar o monopólio do púlpito e para assegurar às mulheres participação igual aos homens [...]”⁷⁸.

De um modo geral, o sufragismo está estreitamente vinculado aos setores igualitários do cristianismo do século XIX. E esse vínculo aparece claramente quando verificamos os grandes nomes que fazem parte da história da luta pelos direitos femininos, o que faremos a seguir.

⁷⁴ PAGLIA, 2008, p. 5. As sufragistas conservadoras apoiaram o movimento sufragista acreditando que o voto feminino ajudaria a alcançar os objetivos políticos cristãos (como a causa da temperança). As sufragistas conservadoras não apoiavam todas as causas de reformas sociais da época.

⁷⁵ RUETHER, 1993, p. 166.

⁷⁶ IMBORNONI, Ann-Marie. **Women’s Rights Movement in the U.S.**: History of the American Women’s Rights Movement 1848–1920. Disponível em: <<http://www.infoplease.com/spot/womenstimeline1.html>>. Acesso em: 16 maio 2016.

⁷⁷ HEWITT, Nancy A. Feminist Friends: Agrarian Quakers and the Emergence of Woman’s Rights in America. **Feminist Studies**. 12.1, 1986, p. 27-49.

⁷⁸ RUETHER, 1993, p. 166.

5 A PRESENÇA CRISTÃ NA LINHA CRONOLÓGICA DA PRIMEIRA ONDA

Abigail Quincy Smith Adams (1744-1818), primeira dama dos EUA (foi esposa do presidente John Adams), era de família *Quaker*, filha de um ministro *Quaker*, que posteriormente tornou-se cristã unitariana. Em 1776, através de cartas, ela pressionou seu marido, congressista na época, para a criação de leis igualitárias que beneficiasse as mulheres⁷⁹. Apesar de não ter dado resultado, essas cartas são um dos primeiros escritos conhecidos pedindo direitos iguais para as mulheres.

A *Quaker* Anne Knight (1781-1862) foi quem produziu o primeiro folheto a favor do voto feminino em 1847⁸⁰. Lucretia Mott (1793-1880), uma das principais personagens da histórica *Convenção de Seneca Falls*, era ministra *Quaker* e uma cristã piedosa⁸¹. Eliza Gurney (1801-1881) foi evangelista *Quaker*, Sybil Jones (1808-1873) foi evangelista e missionária *Quaker*, e Elizabeth Leslie Rous Comstock (1815-1891) foi uma ministra *Quaker*⁸².

Também eram *Quakers* as abolicionistas e sufragistas Abigail Hopper Gibbons⁸³ (1801-1893), Abigail Kelley Foster⁸⁴ (1810-1887), Hannah Whital Smith⁸⁵ (1832-1911), uma das fundadoras do *Woman's Christian Temperance Union*, Sarah Pugh⁸⁶ (1800-1884), Elizabeth Buffum Chace⁸⁷ (1806-1899) e Mary Grew⁸⁸ (1813-1896). Harriet Bishop⁸⁹ (1817-1883), sufragista, foi missionária e professora batista. Lucretia Longshore Blankenburg (1845-1937) foi uma

⁷⁹ O conteúdo dessas cartas pode ser visto em: <<http://www.thelizlibrary.org/suffrage/abigail.htm>>. Acesso em: 13 Jun. 2016.

⁸⁰ ROWBOTHAM, Sheila. **Women in Movement: Feminism and Social Action**. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1992, p. 57.

⁸¹ MCHENRY, 1980. p. 295.

⁸² ZIKMUND, 1979, p. 217-218.

⁸³ MCHENRY, 1980, p. 152-153.

⁸⁴ MCHENRY, 1980, p. 138-139.

⁸⁵ MCHENRY, 1980, p. 385.

⁸⁶ JAMES; JAMES; BOYER et al, 1971. p. 104.

⁸⁷ JAMES; JAMES; BOYER et al, 1971, p. 317.

⁸⁸ JAMES; JAMES; BOYER et al, 1971, p. 91.

⁸⁹ JAMES; JAMES; BOYER et al, 1971, p. 151.

sufragista *Quaker*⁹⁰. Isabella Ford (1855–1924), escritora e sufragista inglesa, também era de tradição *Quaker*⁹¹.

Amelia Jenks Bloomer⁹² (1818-1894) era cristã, não era *Quaker*, mas foi incentivada por seu marido, um *Quaker* editor de um jornal, a escrever artigos sobre o tema dos direitos da mulher. Assim, ela se tornou a editora do primeiro jornal dedicado à causa feminina, *The Lily*.

Rebecca Webb Pennock Lukens (1794-1854) a primeira mulher de negócios dos EUA, proprietária e gerente de uma companhia industrial do ramo do aço e ferro. Apesar de não ser ativista, inspirou outras mulheres com sua vida. Sua tradição *Quaker* é destacada como fator primordial em sua carreira de liderança⁹³.

Outra importante ativista do direito feminino foi Sojourner Truth (1797-1883), ex-escrava, abolicionista, pregadora cristã. Após fugir do seu dono com a filha bebê, em 1826, e deixar para trás os outros quatro filhos, Sojourner viveu durante algum tempo com uma família *Quaker* que lhe deu a única educação que recebeu na vida. Foram eles que também a ajudaram a recuperar um dos seus filhos. Posteriormente ela se converteu ao cristianismo e viajou pelo país para ajudar nas causas abolicionistas e promover os direitos das mulheres⁹⁴.

A sufragista e defensora dos direitos femininos Lucy Stone (1818-1893) não era *Quaker*; mas foi influenciada pelo pensamento igualitário das já mencionadas irmãs Grimké. Stone fez seu primeiro discurso feminista no púlpito da *Igreja Evangélica Congregacional* pastoreada por seu irmão William Bowman Stone, em 1847⁹⁵. Indignada com o modo como a Bíblia era utilizada para legitimar o sexismo, Stone gastou vários anos aprendendo hebraico e grego para descobrir se a Bíblia de fato apoiava tais interpretações. Ela acreditava que a Bíblia, corretamente interpretada, estava do lado da igualdade de direitos para homens e mulheres⁹⁶.

⁹⁰ JAMES; JAMES; BOYER et al, 1971, p. 170.

⁹¹ ROWBOTHAM, 1992, p. 132; CRAWFORD, Elizabeth. **The Women's Suffrage Movement: A Reference Guide 1866-1928**. London: UCL Press, 1999, p. 226.

⁹² MCHENRY, 1980, p. 39.

⁹³ MCHENRY, 1980, p. 257.

⁹⁴ WAYNE, 2015, p. 193-195.

⁹⁵ WAYNE, 2015, p. 181.

⁹⁶ GOLDENBERG, 1979, p. 13.

Anna Elizabeth Dickinson⁹⁷ (1842-1932), primeira mulher a fazer um discurso político no congresso americano, e a ativista dos direitos das mulheres Marta Carey Thomas⁹⁸ (1857-1935) eram *Quakers*. Alice Paul (1885-1977), outra sufragista americana e ativista dos direitos das mulheres, agiu fortemente influenciada pelos valores *Quakers*⁹⁹.

Esse não é um levantamento histórico exaustivo. Muitos outros nomes poderiam surgir em uma pesquisa mais detalhada. Mas é suficiente para demonstrar que o cristianismo não pode ser acusado de ser opressor de uma maneira generalizada, pois foi um dos principais fatores motivadores para o ativismo da Primeira Onda. O mais correto, e justo, seria afirmar que houve setores do cristianismo que reproduziram a opressão cultural, e houve setores que ergueram a bandeira da libertação feminina com fundamentação teológica.

Por isso, a crítica feminista radical ao cristianismo tende a ser injusta, generalizando defeitos e simplificando um quadro tão diversificado quanto o cristianismo. Curiosamente, a mesma academia que consagrou a hipótese de Walter Bauer a respeito da diversidade do cristianismo primitivo¹⁰⁰ por vezes trata o cristianismo (primitivo e posterior) como um bloco monolítico no tema do papel da mulher, cometendo a *falácia da composição*¹⁰¹.

6 HÁ POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO?

Após analisar os dados históricos apresentados neste artigo, é possível afirmar que há sim possibilidade de diálogo entre feministas e mulheres teologicamente conservadoras. Em tempos que é muito comum ouvir críticas feministas aos valores judaico-cristãos e seu caráter supostamente repressor e castrador, é preciso resgatar historicamente esse importante traço libertador que se

⁹⁷ WAYNE, 2015, p. 66.

⁹⁸ WAYNE, 2015, p. 231.

⁹⁹ ADAMS, Katherine H.; KEENE, Michael L. **Alice Paul and the American Suffrage Campaign**. Chicago: University Of Illinois Press, 2008, p. 1-19; MCHENRY, 1980, p. 319.

¹⁰⁰ BAUER, Walter. **Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity**. Philadelphia: Fortress, 1971.

¹⁰¹ A *Falácia da Composição* ocorre quando se atribui ao todo uma propriedade presente em algumas partes desse todo.

manteve vivo no seio do cristianismo através dos séculos.

A história da Primeira Onda do feminismo responde a uma pergunta de Camille Paglia: “O feminismo é intrinsecamente um movimento da esquerda, ou pode haver um feminismo baseado em princípios conservadores ou religiosos?”¹⁰² Nem todas as mulheres irão se interessar em uma revolução feminista à moda classista ou radical, mas as mulheres da temperança e as sufragistas podem ser uma inspiração. Como foi visto, essas mulheres reivindicaram a igualdade entre os gêneros mais por causa dos valores religiosos do que por algum idealismo revolucionário secular.

Segundo Zikmund:

Dentro da própria igreja mulheres foram emancipadas através de estruturas informais [...]. Finalmente, as mulheres foram expostas à competente liderança de mulheres capazes e articuladas entre os Shakers, Quakers, Adventistas do Sétimo Dia, Cientistas Cristãos, e nos reavivamentos de Santidade e Pentecostais. O cristianismo sectário do século dezanove empoderou muitas mulheres em cargos de liderança [...].¹⁰³

Porém, há alguns fatores limitadores. Um ponto que merece destaque é que os setores cristãos do feminismo contemporâneo têm apresentado a ruptura com a *teologia* conservadora como o único caminho viável. Em outras palavras, só seria possível ser cristã e feminista abraçando a teologia liberal e suas pressuposições.

Teologicamente, a *feministização* do cristianismo está vinculada ao método histórico-crítico de interpretação bíblica e ao progressismo cristão, o que tem provocado profundas reinterpretações da fé cristã. Para os cristãos protestantes teologicamente conservadores, há riscos no engajamento feminista, pois a crítica à religião, o revisionismo, e a hermenêutica feminista poderiam levar a um afastamento do princípio *sola Scriptura* e do conceito protestante de autoridade final das Escrituras¹⁰⁴.

A *feministização* poderia provocar ainda outros conflitos com as visões

¹⁰² PAGLIA, 2008, p. 4.

¹⁰³ ZIKMUND, 1979, p. 222.

¹⁰⁴ Ver, por exemplo, as avaliações do feminismo evangélico feitas por GRUDEM, Wayne. **O feminismo evangélico: um novo caminho para o liberalismo.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010; e GRUDEM, Wayne. **Confrontando o feminismo evangélico: respostas bíblicas para perguntas cruciais.** São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

teológicas mais conservadoras. É fácil, por exemplo, encontrar textos feministas acadêmicos que retratam o casamento como instituição que oprime mulheres¹⁰⁵. E não é difícil encontrar textos feministas que veem o lesbianismo como o resultado lógico natural do feminismo.

Por exemplo, o livro feminista-negro *This Bridge Called My Back* claramente descreve o casamento heterossexual como um instrumento de dominação masculina, e possui um capítulo exclusivamente dedicado a defender o lesbianismo como um “ato de resistência”¹⁰⁶. No livro *Feminist Theory Reader: Local and Global Perspectives*, uma coleção de ensaios de pesquisadoras e ativistas feministas, o sexo heterossexual é retratado como estupro, e o casamento seria a instituição que submete mulheres através da violência e do “spray de sêmen”¹⁰⁷.

Outro ponto de dificuldade é a identificação automática do feminismo com a defesa do direito de abortar e com as causas LGBT. Certamente, tais opiniões não refletem o pensamento diversificado de todos os setores do movimento feminista contemporâneo. Mas é suficiente para criar uma justificada suspeita nos cristãos teologicamente conservadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando os setores revolucionários do feminismo tecem ácidas críticas à religião, propondo rupturas radicais com a tradição judaico-cristã (ou até mesmo sua eliminação), causam repulsa em mulheres religiosas e mais identificadas com o pensamento liberal ou conservador. Isso (e não explicações simplistas sobre o patriarcado internalizado) explica em parte o sentimento antifeminista encontrado em muitas mulheres.

Redescobrir as raízes religiosas ligadas ao feminismo pode ajudar a desfazer estereótipos e conquistar a simpatia de uma grande parcela de mulheres. Além disso, pode inspirar e motivar mulheres religiosas na luta contra

¹⁰⁵ DWORKIN, Andrea. **Letters from a war zone**. New York: Lawrence Hill Books, 1993, p. 119, 145-146.

¹⁰⁶ MORAGA, Cherríe L.; ANZALDÚA, Gloria E. (eds.). **This Bridge Called My Back**. Albany: Sunny Press, 2015, p. 122, 126-135, 209.

¹⁰⁷ MCCANN, Carole R.; KIM, Seung-Kyung. **Feminist Theory Reader: Local and Global Perspectives**. New York: Routledge, 2017, p. 129.

superestruturas religiosas mais opressoras sem abrir mão de sua própria herança cristã.

Como ficou evidenciado neste artigo, a história revela que nem o abandono da herança judaico-cristã e nem a *feministização* do cristianismo são atrativos às mulheres conservadoras, e talvez nem sejam necessários, pois o cristianismo já demonstrou possuir conteúdo suficientemente adequado para garantir valor à mulher e motivação para o engajamento. O que as mulheres cristãs (e também as secularizadas e de outras tradições religiosas) precisam é redescobrir a história, que tem sido contada de forma incompleta ou distorcida.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Katherine H.; KEENE, Michael L. **Alice Paul and the American Suffrage Campaign**. Chicago: University Of Illinois Press, 2008.
- ALCOFF, Linda; CAPUTO, John D. **Feminism, Sexuality, and the Return of Religion**. Bloomington: Indiana University Press, 2011.
- BAEHR, Amy R. (Ed.). **Varieties of Feminist Liberalism**. Oxford: Rowman & Littlefield, 2004.
- BAUER, Walter. **Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity**. Philadelphia: Fortress, 1971.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Vol 1. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BERGER, Peter. **The desecularization of the world: essays on the resurgence of religion in world politics**. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.
- BIRNEY, Catherine H. **The Grimke Sisters Sarah and Angelina Grimke: The First American Women Advocates of Abolition and Women's Rights**. New York: Boston, Lee and Shepard, 1885. Disponível em: <<https://archive.org/details/grimksisterssara00birn>> Acesso em: 17 jun. 2016.
- BRAIDOTTI, Rosi. In spite of the times: The postsecular turn in feminism. **Theory, Culture & Society**, vol. 25, 2008, p. 1-24.
- BRAITHWAITE, William Charles. **The Beginnings of Quakerism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1955.
- BRAUDE, Ann. A religious feminist - who can find her? Historiographical challenges from the National Organization for Women. In: **The Journal of Religion**. Chicago, vol. 84, n. 4, outubro/2004, p. 555-572.
- _____. **Radical Spirits: Spiritualism and Women's Rights in Nineteenth-century America**. Bloomington: Indiana University Press, 2001.
- CARROLL, Berenice A. (Ed.). **Liberating Women's History: Theoretical and Critical Essays**. Chicago: University of Illinois Press, 1976.
- COPPENS, Linda Miles. **What American Women Did: 1789-1920**. Jefferson: McFarland & Company, 2007.
- CRAWFORD, Elizabeth. **The Women's Suffrage Movement: A Reference Guide 1866-1928**. London: UCL Press, 1999.

- DWORKIN, Andrea. **Letters from a war zone**. New York: Lawrence Hill Books, 1993.
- GEMIE, Sharif. Anarchism and Feminism: a historical survey. In: **Women's History Review**. United Kingdom, vol. 5, n. 3, 1996, p. 417-444. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09612029600200123>>. Acesso em: 23 jul. 2016.
- GOLDENBERG, Naomi R. **Changing of the gods: feminism and the end of traditional religions**. Boston: Beacon Press, 1979.
- GRACE, Fran. **Carry A. Nation: Retelling the Life**. Bloomington: Indiana University Press, 2001.
- GRUDEM, Wayne. **Confrontando o feminismo evangélico: respostas bíblicas para perguntas cruciais**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- _____. **O feminismo evangélico: um novo caminho para o liberalismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- HEWITT, Nancy A. Feminist Friends: Agrarian Quakers and the Emergence of Woman's Rights in America. **Feminist Studies**. 12.1, 1986.
- HUNT, Mary. Psychological Implications of Women's Spiritual Health. In: COLE, Ellen; OCHSHORN, Judith (eds.). **Women's Spirituality, Women's Lives**. Binghamton: Harrington Park Press, 1995.
- _____. **Religião e feminismo combinam?** Disponível em: <www.cartacapital.com.br/sociedade/religiao-e-feminismo-combinam>. Acesso em 16 fev. 2017.
- IMBORNONI, Ann-Marie. **Women's Rights Movement in the U.S.: History of the American Women's Rights Movement 1848–1920**. Disponível em: <<http://www.infoplease.com/spot/womenstimeline1.html>>. Acesso em: 16 maio 2016.
- IRWIN, Joyce L. **Womanhood in Radical Protestantism, 1525-1675**. New York: The Edwin Mellen, 1979.
- JAMES, Edward T.; JAMES, Janet Wilson; BOYER, Paul S.; COLLEGE, Radcliffe (eds.). **Notable American Women, 1607-1950: A Biographical Dictionary**. Cambridge: Belknap Press, 1971.
- LEE, Maurice S. **The Cambridge Companion to Frederick Douglass**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- LLEWELLYN, Dawn; TRZEBIATOWSKA, Marta. Secular and religious feminisms: A future of disconnection? In: **Feminist Theology**. United Kingdom, vol. 21, n. 3, May/2013, p. 244-258.
- LOUKES, Harold. **The Quaker contribution**. Naperville: SCM Press, 1965.
- MASSON, Erin M. The Women 's Christian Temperance Union 1874-1898: Combating Domestic Violence. **William & Mary Journal of Women and the Law**. Vol 3, 1997, p. 163, nota 2. Disponível em: <<http://scholarship.law.wm.edu/wmjowl/vol3/iss1/7>>. Acesso em: 21 jun. 2016.
- MCCANN, Carole R.; KIM, Seung-Kyung. **Feminist Theory Reader: Local and Global Perspectives**. New York: Routledge, 2017.
- MCHENRY, Robert (ed.). **Famous American Women: A Biographical Dictionary from Colonial Times to the Present**. Springfield: G&C Merriam Company, 1980.
- MOJAB, Shahrzad. **Marxism and Feminism**. London: ZedBooks, 2015.
- MORAGA, Cherríe L.; ANZALDÚA, Gloria E. (eds.). **This Bridge Called My Back**. Albany: Sunny Press, 2015.
- NUNES, Rosa Maria Magalhães. **Anne Hutchinson - Uma Pregadora e Defensora da Liberdade Religiosa em New England**. Dissertação (mestrado). Lisboa: Universidade Aberta, 2009.
- PAGLIA, Camille. Feminism Past and Present: Ideology, Action, and Reform. In: **Arion: A Journal of the Humanities and the Classics**. Boston, vol. 16, n. 1, 2008. p. 6. Disponível

- em: <<http://www.bu.edu/arion/files/2010/03/Feminism-Paglia1.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2016.
- RAPPAPORT, Helen. **Encyclopedia of Women Social Reformers**, Vol. 1. Santa Barbara: ABC Clío, 2001.
- REILLY, Niamh. Rethinking the interplay of feminism and secularism in a neo-secular age. In: **Feminist Review**. London, vol. 97, n. 1, Mar./2011, p. 5-31.
- REY, Diana Crucelly González. La Educación de las Mujeres en Colombia a Finales del Siglo XIX: Santander y el Proyecto Educativo de la Regeneración **Revista Historia de la Educación Latinoamericana**. Vol. 17, N. 24, enero - junio 2015. p. 243 – 258. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rhel/v17n24/v17n24a12.pdf>>. Acesso em 12 jan. 2017.
- ROWBOTHAM, Sheila. **Women in Movement: Feminism and Social Action**. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1992.
- RUETHER, Rosemary R. **Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista**. São Leopoldo: Sinodal, 1993.
- _____. **Women and Redemption: A Theological History**. Minneapolis: Fortress Press, 2012.
- SALISBURY, Joyce E. **Pais da Igreja, Virgens Independentes**. São Paulo: Página Aberta, 1995.
- SAYERS, Janet; EVANS, Mary, REDCLIFT, Nanneke (Eds.). **Engels Revisited: New Feminist Essays**. New York: Tavistock, 2009.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 14, n. 3, (p. 765-799), setembro-dezembro/2006.
- SMITH, Bonnie G. **The Oxford Encyclopedia of Women in World History**. Vol. 1. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- SOINTU, Eeva; WOODHEAD, Linda. Spirituality, gender and expressive selfhood. **Journal for the Scientific Study of Religion**, vol. 47, 2008, p. 259-276.
- SUZACK, Cheryl; HUHNDORF, Shari M.; PERREAULT, Jeanne (Eds.). **Indigenous Women and Feminism: Politics, Activism, Culture**. Vancouver: UBC Press, 2010.
- WAGNER, Sally Roesch. **Sisters in Spirit: The Iroquois Influence on Early American Feminists**. Summertown: Native Voices, 2001.
- WAYNE, Tiffany K. **Women's Rights in the United States: A Comprehensive Encyclopedia of Issues, Events and People**. Santa Barbara: ABC Clío, 2015.
- _____. **Women's Roles in Nineteenth-century America**. Westport: Greenwood Press, 2007.
- ZIKMUND, Barbara Brown. The Feminist thrust of sectarian Christianity. In: RUETHER, Rosemary R.; MCLAUGHLIN, Eleanor (eds.). **Women of Spirit: female leadership in the jewish and christian traditions**. New York: Simon and Scuster, 1979.